

## **ANGÚSTIA DA INFLUÊNCIA E DESLEITURA NA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO PRAGMATISTA: DEWEY, RORTY E LIPMAN**

**Anxiety of influence and misreading in Pragmatist's philosophy of education: Dewey, Rorty and Lipman**

**Angustia de la influencia e lectura errónea en la filosofía de la educación Pragmatista: Dewey, Rorty e Lipman**

*Heraldo Aparecido Silva\**

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo analisar alguns aspectos da filosofia da educação na tradição pragmatista americana. Além disso, visto que o estudo remete diretamente à questão da influência de Dewey sobre Rorty e Lipman, também faremos uso do revisionismo dialético de Harold Bloom. O princípio central da tese bloomianiana é que as relações revisionárias, ou seja, a influência entre grandes autores sempre ocorre mediante leituras fortes: o cerne dessa desleitura reside no complexo ato crítico de interpretar dialeticamente mediante um processo que envolve a apropriação (revisão), a distorção (desvio) e a correção (redirecionamento) da doutrina original. Finalmente, propomos que, a despeito dos diferentes pontos de vista, encontrados no multifacetário neopragmatismo contemporâneo, as preocupações sociais, políticas e educacionais discutidas amplamente por Dewey que continuam vicejantes e atuais, seja na proposta de Rorty, com sua filosofia literária, seja na proposta de Lipman, com sua filosofia da infância.

**Palavras-chave:** Filosofia da educação. Pragmatismo. Desleitura.

---

\* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Professor Associado de Filosofia da Educação da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Coordenador do Núcleo de Estudos em Filosofia da Educação e Pragmatismo. *E-mail:* [heraldokf@yahoo.com.br](mailto:heraldokf@yahoo.com.br)

**Abstract:** The objective of this study is to examine some aspects of educational philosophy in the American pragmatist tradition. Moreover, given that the study refers directly to the question about the influence of Dewey over Rorty and Lipman, we will also use the Harold Bloom's dialectic of revisionism. The main principle of Bloom's thesis is that the revisionist relations, that is, the influence among great authors always occurs by strong readings: the heart of this misreading lies in the complex critical act of interpreting dialectically through a process that involves acquisition (review), distortion (deviation) and correction (redirection) from the original doctrine. Finally, we propose that, despite the different views found in the multifaceted contemporary neo-pragmatism, the social, political and educational concerns widely discussed by Dewey are thriving and current, whether it is in Rorty's proposal with his literary philosophy, or Lipman's proposal with his philosophy of childhood.

**Keywords:** Philosophy of education. Pragmatism. Misreading.

**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo analizar algunos aspectos de la filosofía de la educación en la tradición pragmatista americana. Por otra parte, dado que el estudio se refiere directamente a la cuestión de la influencia de Dewey em Rorty en Lipman, también vamos a hacer uso del revisionismo dialéctico de Harold Bloom. El principio central de la tesis bloomianiana es que las relaciones revisionárias, es decir, la influencia de los grandes autores siempre se produce por las lecturas fuertes: el núcleo de esta mala interpretación se encuentra en el complejo acto crítico de interpretar dialécticamente a través de un proceso que implica la apropiación (revisión), la distorsión (desviación) y la corrección (cambio de dirección) de la doctrina original. Por último, se propone que, a pesar de los diferentes puntos de vista que se encuentran en lo multifacético neopragmatismo contemporáneo, el contexto social, político y educativo discutido ampliamente por Dewey todavía está prosperando y corriente, mediante la propuesta de Rorty, con su filosofía literária y mediante la propuesta de Lipman, com su filosofía de la infancia.

**Palabras-clave:** Filosofía de la educación. Pragmatismo. Lectura errónea.

## **Introdução**

No conto “O Jardim dos Caminhos que se Bifurcam”, o ficcionista argentino Jorge Luis Borges explora as infinitas possibilidades narrativas de um labirinto espaço-temporal que assume a forma de um romance atravessado por multibifurcações: “Acreditava em infinitas séries de tempos, numa rede crescente e vertiginosa de tempos divergentes, convergentes e paralelos. Essa trama de tempos que se aproximam, se bifurcam, se cortam ou que secularmente se ignoram, abrange todas as possibilidades” (BORGES, 1972, p. 107-108). A proposta de Borges é que sempre podemos retomar e explorar infinitamente as possibilidades que se apresentam explicitamente diante de nós como robustas variantes ou que subrepticamente assumem a forma de erros, inexistências ou fantasmas.

Tal perspectiva é assumida como hipótese de trabalho para explorar uma vertente contemporânea do pragmatismo americano que, conforme acreditamos, num futuro próximo se revestirá de trajes fantasmagóricos na tessitura da historiografia da tradição pragmatista. Trata-se da variante conhecida na contemporaneidade como neopragmatismo. Em linhas gerais, discorreremos acerca das ramificações originadas a partir da recepção e distorção de alguns aspectos das ideias do pragmatista clássico John Dewey na interpretação de Richard Rorty e Mathew Lipman.

## **Breve histórico da tradição pragmatista**

A corrente filosófica do Pragmatismo é nativa dos Estados Unidos da América. Em sua vertente clássica, o pragmatismo é localizado entre meados do século XIX e as duas décadas iniciais do século XX. Em sua vertente contemporânea, o pragmatismo principia a partir da segunda metade do século XX e persiste até os dias atuais.

O divisor histórico e conceitual entre o pragmatismo clássico e o neopragmatismo é o movimento denominado *linguistic turn*. A ocorrência desta virada linguística mudou de tal forma o panorama filosófico mundial que, na própria tradição pragmatista, a noção de experiência cedeu lugar a noção de linguagem como principal objeto de investigação (RORTY, 1997). Assim, o Neopragmatismo, Pragmatismo Contemporâneo, Pragmatismo Linguístico e Pragmatismo Pós-quineano são algumas das principais designações usadas

para se referir ao trabalho de autores cujo referencial teórico, orientação metodológica e propósitos filosóficos se coadunem com aqueles da tradição pragmatista e que, necessariamente, também considerem a contribuição oriunda da filosofia analítica e sua ênfase na linguagem (SILVA, 2012). Talvez a principal contribuição possa ser considerada a mudança de atitude diante dos problemas filosóficos: a filosofia analítica, ao priorizar a análise da linguagem faz com que muitos problemas não sejam resolvidos, mas *dissolvidos*, isto é, sua abordagem transforma muitas questões tradicionais da filosofia em falsos problemas.

No contexto histórico-filosófico que permeia a delimitação temática e metodológica da filosofia analítica da linguagem, o principal fator de mudanças na concepção filosófica contemporânea foi a *virada linguística*. Uma “revolução filosófica”, assim definida por Rorty: “Entenderei por filosofia linguística o ponto de vista segundo o qual os problemas filosóficos podem ser resolvidos (ou dissolvidos), reformando a linguagem ou compreendendo melhor a que usamos no presente” (RORTY, 1997, p. 3). A virada linguística designa, em geral, a transição de um paradigma da consciência para um paradigma da linguagem e encerra uma transposição relevante de campo de estudo: a filosofia parte da área da metafísica e da epistemologia em direção à área da lógica e da filosofia da linguagem. Tal deslocamento implica numa relativa diminuição do interesse filosófico na busca pela fundamentação e legitimidade teórica do conhecimento e, em contrapartida, numa ampliação gradual de pesquisas voltadas para a análise do sentido, da referência e do significado.

Nos Estados Unidos, o pragmatismo não ficou incólume às mudanças ocorridas no cenário filosófico mundial posterior a virada linguística (como denotam a ênfase de Rorty na noção de conversação e de Lipman na noção de diálogo). Neste sentido, é possível dividir a história da tradição pragmatista em três períodos (MURPHY, 1993; RORTY, 2006). O primeiro período, de meados do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX, diz respeito ao *nascimento e consolidação* do pragmatismo, principalmente, através de seus fundadores C. S. Peirce (1839-1914), W. James (1842-1910) e J. Dewey (1859-1952), além de outros importantes representantes como G. H. Mead (1863-1931), F. C. S. Schiller (1864-1937) e C. I. Lewis (1883-1964). O segundo período, a partir da década de 1930, é caracterizado como o *declínio* do pragmatismo e coincide com a chegada

dos positivistas lógicos do Círculo de Viena nos EUA, que fugiam da 2ª Guerra Mundial que assolava a Europa. O resultado dessa involuntária aliança, entre o decadente pragmatismo clássico e a ascendente filosofia analítica resultou numa combinação de influências teóricas que ambientou a formação universitária de grandes expoentes filosóficos como W. Quine (1908-2003) e D. Davidson (1917-2003). O contexto para o surgimento do neopragmatismo foi decorrente do posterior declínio do positivismo lógico na América (THAYER, 1973; JAMES, 1979; DE WALL, 2007). Como o pragmatismo clássico em geral, particularmente com Dewey, se notabilizou como uma filosofia da ação, avessa à mera contemplação praticada pela filosofia tradicional, seu estudo sempre esteve atrelado a questões práticas, de natureza política, social e educacional (GARRISON; NEIMAN, 2003). Uma vez que a lacuna social deixada pelo pragmatismo não foi eficazmente preenchida, nem mesmo os méritos do método de análise conceitual da filosofia analítica foram suficientes para eximir os positivistas lógicos (e sua alegada neutralidade científica) das críticas que demandavam responsabilidade social por parte dos filósofos. Tempos depois, essa confluência de fatores culminou no terceiro período, definido como a *renovação* do pragmatismo. À luz da interpretação de R. Rorty (1931-2007), as (inicialmente relutantes) contribuições teóricas de Quine e Davidson, juntamente com idiossincráticas releituras dos pragmatistas pioneiros, resultaram, entre os anos de 1980 e 1990, no neopragmatismo (RORTY, 1991).

Após esta explanação breve e preambular sobre a história da tradição filosófica do pragmatismo, é preciso considerar que se, por um lado, ninguém questiona a presença de Dewey na tradição pragmatista, por outro lado, há muitas controvérsias quanto à filiação de Rorty e de Lipman na referida tradição (MURPHY, 1993; HAACK, 1995; DANIEL, 2000; SILVA, 2009). Como excede o escopo deste trabalho fazer uma análise ampla, exaustiva e minuciosa das relações teóricas entre Dewey, Lipman e Rorty traçaremos nossas considerações em torno de algumas ideias que possam sugerir a qualificação da filosofia lipmaniana de neopragmatismo.

Visto que o estudo remete diretamente à questão da influência de Dewey sobre Lipman e Rorty, utilizarei como principal ferramenta metodológica a desleitura, ou seja, o revisionismo dialético do crítico literário Harold Bloom. Tal atividade revisionista consiste numa versão contemporânea da atividade herética, já que ambas seguem doutrinas até determinado ponto e,

posteriormente, se desviam delas. Desse modo, a diferença reside no fato de a heresia mudar a ênfase da doutrina herdada, ao passo que o revisionismo dialético muda a direção da mesma. Nessa perspectiva, o princípio central da tese bloomianiana é que as relações revisionárias, ou seja, a influência entre grandes autores sempre ocorre mediante leituras fortes: o cerne desta desleitura reside no complexo ato crítico de interpretar dialeticamente mediante um processo que envolve a apropriação (revisão), a distorção (desvio) e a correção (redirecionamento) da doutrina original.

### **A caracterização do revisionismo dialético**

Para Bloom, apenas os *poetas fortes* são importantes porque são eles que fazem a história poética “distorcendo a leitura uns dos outros, a fim de abrir para si mesmos um espaço imaginativo” (BLOOM, 2002, p. 55). Tal ato de apropriação é também uma ação revisionista e de desvio. Bloom reduz a seis, o número de movimentos revisionários necessários à compreensão de “como um poeta se desvia de outro” (BLOOM, 2002, p. 61). A esse complexo ato sêxtuplo ele atribui o nome de *desleitura* ou desapropriação. Embora Bloom reconheça que as proporções revisionárias sejam pluralistas e não tenha um número definido, ele considera que *Clinamen*, *Tessera*, *Kenosis*, *Daemonização*, *Askesis* e *Apophrades* são suficientes para demonstrar sua tese de que toda grande obra original e imaginativa é um desvio.

O medo peculiar do poeta, a sua angústia da influência, é que não lhe reste uma obra poética para realizar, que sua voz não seja distinta e relevante e que suas palavras não comuniquem nada que seus antecessores e contemporâneos já tenham dito. Em tal circunstância, o poeta forte é terreno propício para vicejar a angústia da influência e seu movimento contrário, a apropriação. É o sentimento melancólico de “angústia que torna inevitável a apropriação” (BLOOM, 2002, p. 102).

Bloom defende uma noção poética que é bastante permissiva, em virtude da abrangência de sua acepção. Primeiro, ele afirma que tanto o poema quanto a crítica são interpretações distorcidas de outros poemas. A ressalva é que o poema, isto é, a distorção interpretativa poética, encerra uma crítica mais pungente e radical que a própria interpretação crítica poético-literária,

visto que, para ele toda interpretação é uma interpretação distorcida e, portanto “toda crítica é poesia em prosa” (BLOOM, 2002, p. 142).

A ferramenta crucial para a mudança de sentido é o tropo, um desvio retórico. Na redefinição de Bloom, todo tropo é uma interpretação que constitui “*um erro proposital*” de leitura, “um tipo de falsificação” de escrita, “um engano” deliberadamente praticado pelo poeta forte contra seu modelo poético (BLOOM, 2003, p. 107).

Na concepção literária de Bloom, a tradição é concebida como um “desenvolvimento dialético” através de um “jogo de repetição e descontinuidade” (BLOOM, 2003, p. 47-49). Posteriormente, Bloom ainda completa sua definição com a sentença de que a tradição é “o contraste entre inspirações rivais” (BLOOM, 2003, p. 77). Em linhas gerais, a tradição é concebida como algo dinâmico perpassado pela ideia de conflito, um legado que é parcial ou integralmente revisado, questionado, combatido ou aprimorado tanto por seus adversários quanto por aqueles que defendem a sua continuidade. Como Bloom utiliza o conflito entre as figuras míticas de Laio (pai) e Édipo (filho), para simbolizar a luta mortal entre poetas (precursor e sucessor). Entretanto, na medida em que ele admite que, muitas vezes, as figuras paternas podem ser compostas, assumimos que tal composição pode ter a forma de uma variedade de autores distintos ou mesmo de uma tradição.

Em geral, os neopragmatistas pensam a tradição filosófica como *instrumentos conceituais* dentro de uma espécie de *caixa de ferramentas*. Todavia, alguns destes instrumentos com “prestígio imerecido” continuam sendo usados a despeito de sua ineficácia (RORTY, 1995, p. 9). A partir desta orientação os neopragmatistas podem realizar uma leitura da tradição filosófica na qual se combina (tal como é feito com as ferramentas na solução de problemas específicos) ideias e argumentos de autores que geralmente aparecem apartados (MALACHOWSKY, 2002). Do mesmo modo, eles acreditam que algumas ideias ou concepções deveriam ser abandonadas ou renovadas e também, a despeito dos filósofos que tentam nostalgicamente manter em uso ferramentas obsoletas, outras novas ferramentas devem ser inventadas.

Em seguida, descrevemos os movimentos revisionários em conformidade com a proposta de Bloom (2002; 2003).

*Clinamen*, o primeiro movimento revisionário, é descrito como apropriação poética: um complexo ato de interpretar criativa e deliberadamente errado, isto é, ler em desacordo com a interpretação considerada mais ou

menos consensual. Bloom sugere que tal atividade revisionista é uma espécie de versão contemporânea da atividade herética, porque ambas seguem doutrinas até certo ponto e depois se desviam delas. A diferença é que a heresia muda a ênfase da doutrina herdada, ao passo que o revisionismo muda a sua direção. O princípio central da tese de Bloom é que a influência poética entre poetas fortes “sempre se dá por uma leitura distorcida do poeta anterior, um ato de correção criativa que é na verdade e necessariamente uma interpretação distorcida” (BLOOM, 2002, p. 80).

*Tessera*, o segundo movimento revisionário, é definido duplamente como completude e antítese. Isso porque o desvio do jovem poeta encerra, ao mesmo tempo, uma tentativa de completar os pais (o poema original) e também uma oposição a eles, baseada na crença que seu precursor ou precursores não teriam ousado o suficiente. Nesse segundo movimento revisionário, ao mesmo tempo em que o poeta posterior recupera e completa o poema original, ele se opõe ao mesmo, porque a completude proporcionada ao poema original é redutora, distorcida e antitética.

*Kenosis*, o terceiro movimento revisionário, implica em repetição e descontinuidade, mas posteriormente, admite também o significado de esvaziamento. Para Bloom, o mero prosseguimento verificado entre um poeta precursor e um poeta posterior, impede este último de ser poeta, porque a poesia, compreendida como a busca da descontinuidade, sugere a ideia de seguir, romper e superar. Assim, a descontinuidade do ato de *desfazer* e recriar ideias precursoras constitui um *mecanismo de defesa* que permite a sobrevivência do poeta posterior como poeta. Dito isso, merece destaque a ideia segundo a qual, a *defesa* do poeta jovem é feita através de uma tentativa de remover o precursor de seu contexto. Tal defesa ocorre como um esvaziamento, no sentido de minar a força do poeta pai ao desfazer e recriar suas ideias.

*Daemonização*, o quarto movimento revisionário, sugere a interferência de uma entidade intermediária entre as divindades e a humanidade, o *daemon* que, ao auxiliar o jovem poeta forte, num processo cujo resultado é quase a emulação entre poeta anterior e posterior, acirra o gládio contra o poeta forte precursor. O *daemon* nutre o efebo e enfraquece o precursor. Nesse movimento poético, ao contrário dos dois primeiros modos revisionários (*clinamen* e *tessera*) que são tentativas de “corrigir ou completar os mortos”, e de modo similar ao terceiro modo revisionário (*kenosis*), a *daemonização* atua como uma tentativa de reprimir a força do poeta antecessor.



*Askesis*, o quinto movimento revisionário, é uma *sublimação poética*, uma forma de *purgação* que tem por objetivo atingir um *estado de solidão*. Nessa etapa, a busca pelo estado de isolamento faz com que a desleitura redutora posterior atinja inclusive o próprio trabalho do poeta efebo. Após a conversão daimônica, munido de poder suficiente para combater seu antecessor, o jovem poeta também precisa investir contra si mesmo porque a ascese poética requer sua purificação e isolamento. Essa transformação é necessária para diferenciá-lo tanto do poeta precursor quanto de seus contemporâneos. Na ascese, não há lugar para continuidade ou compartilhamento, daí a purificação pela solidão, isto é, pelo distanciamento solipsista do passado e do presente. O próprio precursor, na visão do poeta posterior, passa a ser louvado por ter sido o que ele (efebo) se tornou. Assim, ele reconhece na alteridade pretérita a possibilidade de superar a si mesmo.

*Apophrades*, o sexto e último movimento revisionário, encerra a revelação que a própria força daemônica usada pelo poeta posterior para exaurir o precursor, advém dos próprios precursores. A imagem aqui é a de que os mortos retornam para travar o combate final. Todavia, nesse combate derradeiro, se os poetas fortes podem criar um paradoxal e subvertido estilo único em relação aos seus ancestrais, eles também podem enfraquecer se os mortos retornarem incólumes, ou seja, inalterados. Isso significa que se eles, mesmo após terem sido fustigados por desleitura na batalha da apropriação poética, não apresentarem sequer sombras de cicatrizes, isto é, se após todas as más leituras e hipóteses perversas (no sentido de virar para o outro lado, desviar) e criativas feitas pelo poeta posterior, nenhuma dúvida for suscitada nas leituras e interpretações posteriores acerca do poeta ancestral, então, a interpretação canônica (consensual) volta revigorada.

### **Um exercício de desleitura na tradição pragmatista: Dewey, Rorty e Lipman**

Dentre os pragmatistas clássicos, apenas John Dewey logrou longevidade e esteve ativo durante quase toda a primeira metade do século XX. Justamente por isto, ele esteve ciente dos diversos eventos, personalidades e lugares significativos que constituíram boa parte da cultura deste período. Em certo sentido, podemos dizer que o conhecimento da conturbada época de

Dewey é requisito necessário para a compreensão de suas ideias e, também, da repercussão obtida pelas mesmas. Isto porque nos seus trabalhos, a ênfase reside nos aspectos político e social da experiência humana.

Assim, se subtermos os escritos deweyanos ao contexto histórico e cultural específico do período compreendido entre as duas guerras mundiais, poderemos consider-los como uma filosofia social e política, à medida que, entretentes, constituem menos uma análise de outras concepções filosóficas do que uma reação contra determinadas práticas educativas, políticas e sociais de seu tempo. Afinal, como nos adverte o próprio Dewey em 1948, na obra *Reconstrução em filosofia*: “a função primordial da filosofia é a de explorar racionalmente as possibilidades da experiência; especialmente as da experiência humana coletiva” (DEWEY, 1958, p. 130). Como o propósito da obra em questão era fazer uma contraposição entre os velhos problemas filosóficos e os novos, ele explicita sua visão acerca da filosofia tradicional, exarando que “os sistemas [filosóficos] antigos refletem as concepções pré-científicas do mundo natural, a situação pré-tecnológica do mundo da indústria e a situação pré-democrática do mundo político em que suas doutrinas tomaram forma” (DEWEY, 1958, p. 20). Em linhas gerais, podemos afirmar que tais passagens evidenciam a perspectiva de Dewey sobre a filosofia e denotam, na sua reivindicação por um novo exame dos sistemas e problemas filosóficos, a combinação entre o pendor democrático, o historicismo hegeliano e o evolucionismo darwiniano (GARRISON, 1999; RORTY, 1995).

Como veremos posteriormente, essa recorrente necessidade deweyana de atualizar a filosofia com os problemas, inquietações e evoluções de cada época ressoa tanto na filosofia literária de Rorty quanto na filosofia da infância de Lipman que são projetadas como experimentos flexíveis de transformação individual e social no âmbito de paradigma da linguagem. Nessa perspectiva, a importância de coadunarmos o estudo da história da filosofia com o conhecimento de outras áreas, tais como das instituições sociais, da cultura, da religião e da literatura; era justificada porque “tanto a organização biológica quanto a social concorrem para a formação da experiência humana” (DEWEY, 1958, p. 108).

Como Dewey não pensa que a “experiência significa escravização ao passado, à tradição, ao costume”, ele aponta para o progresso moral, científico e político como resultados atingidos (e a serem aprimorados)

mediante a substituição da atitude filosófica meramente contemplativa pela interventora (DEWEY, 1958, p. 109). Em defesa desta ideia, o filósofo pragmatista questiona:

Mas a eliminação desses problemas [metafísicos e epistemológicos] tradicionais não iria permitir que a filosofia se dedicasse a tarefa mais proveitosa e necessária? Não a incitaria a enfrentar os graves defeitos e conturbações sociais e morais de que a humanidade sofre, a concentrar a atenção sobre a maneira de descobrir as causas e a exata natureza desses males e de aclarar mais e mais a noção de melhores possibilidades sociais? Em suma, não se empenharia a filosofia em planejar uma ideia ou um ideal que, ao invés de expressar a noção de um outro mundo ou de algum fim remoto e irrealizável, fosse usado como método de compreensão e correção dos males especificamente sociais? (DEWEY, 1958, p. 130-131).

Assim, na concepção deweyana, se a filosofia abdicasse da sobrecarga na sua tarefa, representada pela “metafísica balofa” e pela “inútil epistemologia”, poderia se dedicar com mais propriedade às disciplinas sociais, morais e educacionais (DEWEY, 1958, p. 131). Isto porque, sustenta Dewey, não devemos “apelar eternamente para decisões pretéritas nem para velhos princípios, no intuito de justificar um curso de ação” (DEWEY, 1958, p. 168). Finalmente, Bernstein defende que em relação a Dewey, é preciso considerar que no “centro de sua visão e interesses filosóficos estão as questões sociais e políticas na comunidade democrática” (BERNSTEIN, 1995, p. 58).

Aqui, nossa hipótese de trabalho principia pela sugestão que a proposta original de Dewey, expressa na obra *Reconstrução em filosofia*, ecoa nas obras de Rorty e Lipman. Em outras palavras, a angústia da influência dos neopragmatistas começa com a *apropriação* (revisão) de alguns elementos da doutrina deweyana por Rorty e Lipman, cujas interpretações inéditas encerram uma *distorção* (desvio) teórica que resulta num amplo apelo em prol de uma *correção* (redirecionamento) da atividade filosófica. Como não há limites específicos acerca do início e fim de cada momento revisionário, apresentaremos tal leitura sem tentar delimitar os três momentos. Em contrapartida, procuraremos evidenciar a complementaridade desses três aspectos no assim chamado exercício de desleitura sobre a tradição pragmatista.

É interessante notar que uma das características da apropriação é ler em desacordo com o consensual, isto é, fazer uma leitura tão criativa a ponto de ser considerada (inicialmente) herética pelos epígonos do precursor deslido. Gouinlock (1995), por exemplo, critica uma distinção encontrada na leitura de Rorty, entre um Dewey *bom* e um Dewey *mau*. Campbell (2009) também faz uma crítica a Rorty ao identificar na sua leitura uma análise seletiva e parcial da obra deweyana, que ele qualifica como um uso rortiano de Dewey. Por sua vez, Daniel (2000), por sua vez, embora faça um estudo abrangente sobre a influência de Dewey sobre Lipman, reluta em apontar os desvios criativos que permitam sustentar a originalidade da filosofia da educação lipmaniana, pois considera tais desvios como detalhes e alega que Lipman segue integralmente o paradigma filosófico-educacional deweyano.

No caso de Rorty, o resultado foi a proposição de uma mudança na arena filosófica que vicejou numa nova forma de se fazer filosofia: a *filosofia como conversação literária*. Utilizo a expressão *conversação literária* para designar minha interpretação da concepção rortiana de filosofia. Tal recurso encerra também uma tentativa de amalgamar as principais acepções e características da filosofia que, nos escritos de Rorty, é referida sob diversificada e cambiante terminologia: “filosofia edificante”, “conversação”, “gênero de literatura”, “literatura”, “filosofia transformadora”, “gênero transitório”, “filosofia conversacional” e “política cultural”.

Em linhas gerais, uma leitura atenta de *A filosofia e o espelho da natureza*, de Rorty, não permite subestimar a relevância das ideias de Dewey na consecução do projeto rortiano de crítica à filosofia tradicional, particularmente quando Rorty, quase no encerramento da referida obra, defende enfaticamente que a filosofia, independentemente de suas históricas mudanças temáticas e metodológicas, não perca de vista os *problemas reais* dos seres humanos. Assim, ao repudiar a restrita e hierarquizada noção de conhecimento em prol da conversação livre e aberta, Rorty sustenta que do “ponto de vista educacional, em oposição ao epistemológico e tecnológico, o modo como as coisas são ditas é mais importante do que a posse de verdades” (RORTY, 1990, p. 359). Ele continua:

Uma vez que ‘educação’ soa um pouco vazio demais, e *Bildung* um pouco estrangeiro demais, usarei ‘edificação’ para significar este projeto de encontrar novos, melhores, mais interessantes e mais fecundos

modos de falar. A tentativa de edificar (a nós mesmos ou a outros) pode consistir na atividade hermenêutica de fazer conexões entre nossa própria cultura e alguma cultura exótica ou período histórico, ou entre nossa própria disciplina e outra disciplina que pareça perseguir objetivos incomensuráveis num vocabulário incomensurável. Mas pode, ao invés disso, consistir na atividade ‘poética’ de inventar novos objetivos, novas palavras ou novas disciplinas, seguida, por assim dizer, pelo inverso da hermenêutica: a tentativa de reinterpretar nosso ambiente familiar nos termos não-familiares de nossas novas invenções. Em qualquer caso, a atividade é (apesar da relação etimológica entre as duas palavras) edificante sem ser construtiva – pelo menos se ‘construtivo’ significa o tipo de cooperação na realização de programas de pesquisa que tem lugar no discurso normal. Pois o discurso edificante é *suposto* ser anormal, tirar-nos para fora de nossos velhos eus pelo poder da estranheza, para ajudar-nos a nos tornarmos novos seres (RORTY, 1990, p. 360).

Depois disso, durante quase trinta anos, o próprio Rorty modificou várias vezes sua concepção de filosofia e filósofo, mas sempre manteve essa perspectiva social, educacional e política deweyana. No caso de Rorty, tal viés é identificado na concepção de narrativa como um instrumento poderoso de transformação individual e social. É possível distinguir dois usos narrativos rortyanos: o uso específico, caracterizado pela reconstrução histórica (a narrativa argumentativa ou filosófica) e o uso abrangente, caracterizado pelo redimensionamento de ideias, pessoas, textos, instituições e costumes através da ação de contar histórias (a narrativa ‘*story*’ em seu sentido amplo) reais ou fictícias, pretéritas ou futuristas, utópicas ou distópicas sobre sofrimentos e triunfos em cenários alternativos (outras sociedades, épocas ou culturas).

No caso de Lipman, sua leitura de Dewey resultou numa proposição dentro da arena filosófica, ou seja, a proposta de uma nova área disciplinar, a *filosofia da infância* (KOHAN, 1999). Lipman escreve:

A pergunta, não obstante, persistirá sobre o que há com respeito à infância que a habilita a tornar-se uma área da filosofia. A resposta a essa pergunta parece ser que, para merecer uma filosofia, uma área deveria ser rica o bastante em implicações de modo a contribuir sig-

nificativamente para outras áreas da filosofia. Estudos especializados no campo em questão poderiam ter valor para a metafísica, ou para a lógica, ou para a epistemologia e profissionais nesta. A questão, então, é se a infância preenche este requisito. Parece ser o caso de que desenvolver filosofias da infância assegura a promessa de implicações significativas para a filosofia social, metafísica, filosofia do direito, ética, filosofia da educação e outras áreas filosóficas (LIPMAN, 1990, p. 215-223).

Na filosofia da educação de Lipman, é possível entrever muitos aspectos e temas caros ao pragmatismo, em geral, e à filosofia da educação de Dewey, em particular. Por exemplo, quando Lipman prioriza seu pioneiro programa de filosofia para crianças à atividade investigativa em sala de aula denominada *comunidade de investigação*, é inevitável a menção a Peirce, o fundador do pragmatismo americano. A despeito do nome em comum, a concepção de comunidade de investigação em Peirce e em Lipman guarda pouca semelhança entre si. No primeiro caso, comunidade de investigação diz respeito à atividade científica de um grupo de especialistas adultos. No segundo caso, trata-se de uma atividade investigativa e dialógica, embora diletante, cuja ocorrência se dá prioritariamente na sala de aula com crianças.

O próprio pragmatismo de Peirce foi concebido como um método capaz de elucidar o significado de conceitos obscuros a partir do exame de seus efeitos na conduta humana. Desta forma, o objetivo do pragmatismo seria o de “estabelecer um método de determinação dos significados” para acabar com as controvérsias filosóficas, nas quais os contendores sustentam suas ideias através do uso de palavras idênticas com sentidos distintos ou indefinidos (PEIRCE, 1990, p. 194).

Nessa perspectiva, a relação entre pensamento e ação é formulada, de modo exemplar, na máxima pragmática, segundo a qual, para se “determinar o significado de uma concepção intelectual”, o procedimento a ser adotado consiste em “considerar quais consequência práticas poderiam conceberivelmente resultar, necessariamente, da verdade dessa concepção; e a soma destas consequências constituirá todo o significado da concepção” (PEIRCE, 1990, p. 195).

A definição de crença como hábito de ação desempenha fundamental importância no pragmatismo peirceano. Para Peirce, a ação é norteadada

pela crença. Esta é antecedida pela dúvida, que não fornece qualquer indício, base ou orientação para nossas ações, mas, pelo contrário, é um estado de preocupação, insatisfação e desorientação. O processo através do qual o estado de dúvida é convertido em estado de crença é chamado de inquerito. O único propósito do pensamento, concebido como inquerito, é o estabelecimento da opinião e, conseqüentemente, a cessação da dúvida. A alternância entre o estado de dúvida e o estado de crença é constante. Isto porque uma vez estabelecido um hábito de ação, ao agirmos, estaremos sujeitos ao confronto com uma nova dúvida. A irritação da dúvida, por sua vez, deve estimular o pensamento a desempenhar a sua única função: a produção de crença, que faz reiniciar todo o processo (MURPHY, 1993).

Não podemos esquecer que a concepção de filosofia em Peirce é predominantemente científica. Ele adverte que a “condição infantil da filosofia” no século XIX é decorrente do fato dela ter sido praticada por pessoas “que não se educaram em laboratórios”, que não tem o necessário pendor experimentalista e, “conseqüentemente, não foram estimuladas pelo Eros científico” (PEIRCE, 1998, p. 29).

Em contrapartida, o que muitos consideram como uma inovação original lipmaniana, é justamente a ideia de filosofar com crianças (KOHAN, 2005). Ou seja, a julgar pela expressão pejorativa em que Peirce aplica o termo infantil, podemos presumir que uma das últimas coisas com as quais ele poderia aquiescer seria uma atividade filosófica sendo praticada com e pelas crianças. Assim, quando Lipman sugere a possibilidade de criar comunidades de investigação em salas de aulas, motivadas por novelas filosóficas onde os protagonistas são crianças, sua proposta encerra um *redirecionamento* de alguns elementos teóricos verificados no pragmatismo clássico.

Nessa perspectiva, talvez a influência de maior amplitude na filosofia da educação de Lipman seja a das ideias de Dewey. Ao ler os escritos de Lipman é quase impossível não recordar as obras *How we think?* (1910) e *Democracy and education* (1916) de Dewey. Cabe ressaltar que para o pragmatista clássico, a noção de experiência está estreitamente conectada a noção de educação que, segundo ele, seria “processo de reconstrução, de reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras” (DEWEY, 1959, p. 8).

A ideia deweyana de ressignificação da experiência tem lugar de destaque no programa lipmaniano de filosofia para crianças. Para Lipman, visto que as crianças têm um pendor filosófico natural (verificado principalmente na sua aguçada curiosidade, predisposição em emitir opiniões e investigar a razão de ser das coisas), tais habilidades seriam melhor exercitadas se as experiências das crianças reais pudessem ganhar uma nova dimensão ao serem conectadas ao procedimento narrativo e investigativo das crianças fictícias personagens das novelas filosóficas. Aqui, podemos recordar a importância dada por Dewey ao comportamento linguístico, quando ele afirma em *Experiência e natureza* que “entre todas as realizações, a comunicação é a mais notável” (DEWEY, 1980, p. 29). Essa opção de trabalhar com textos temáticos filosóficos voltados para crianças com idades específicas encerra um procedimento pedagógico importante na medida em que, além de relacionar o conteúdo da narrativa com a faixa etária criança, leva em consideração as experiências e conhecimentos específicos da idade infantil, facilitando sua identificação com as referidas personagens. O interessante, a despeito da preocupação didático-pedagógica mencionada, é que a proposta dos programas curriculares lipmanianos de filosofia para crianças abarca um universo temático tão amplo que contempla questões éticas, epistemológicas, estéticas, lógicas, metafísicas (LIPMAN, 1990; LORIERI, 2004).

### **Considerações finais**

A utilização metafilosófica da desleitura, para compreender as relações teóricas entre o pragmatista Dewey e os neopragmatistas Rorty e Lipman, prioriza a noção de influência. Na teoria poética bloomianiana, tal noção é investigada em seis momentos inter-relacionados, caracterizados como um sistema que oscila entre as críticas ao passado e as alusões futuras. Essa redução é autorizada pela própria estrutura da desleitura que atua em pares: nos dois primeiros movimentos *clinamen* e *tessera*, o ato principal é o de rever (a apropriação); nos dois movimentos intermediários *kenosis* e *daimonização*, o ato principal é o de reestimar (a distorção) e, nos dois últimos movimentos (*askesis* e *apophrades*), o ato principal é o de redirecionar (a correção).

Na desleitura de Bloom, a ideia de reducionismo remete a noção de apropriação, compreendida na sua teoria poética como equivalente a uma



interpretação distorcida radical que denuncia a obra do precursor como uma idealização excessiva que, portanto, urge ser corrigida. Uma vez que todos os seis modos revisionários da desleitura são reducionistas em relação aos precursores, tanto a redescrição rortyana quanto a inovação lipmaniana, necessariamente, mantém essa característica. Em linhas gerais, Rorty e Lipman realizam um giro narrativo ao conceberem suas novas ramificações filosóficas. Assim, tanto na proposta rortyana quanto na lipmaniana, resguardadas as devidas diferenças conceituais, reconhecem-se distintamente a influência deweyana e um redirecionamento da filosofia para o campo da narrativa.

Finalmente, propomos que, a despeito dos diferentes pontos de vista encontrados no multifacetário neopragmatismo contemporâneo, as preocupações sociais, políticas e educacionais discutidas amplamente por Dewey continuam vicejantes e atuais, seja na proposta de Rorty, na sua filosofia como conversação literária, seja na proposta de Lipman, com sua filosofia da infância. Em suma, parafraseando Bloom, podemos afirmar que Rorty e Lipman são poetas fortes sob a sombra da influência de Dewey.

## Referências

BERNSTEIN, R. American Pragmatism: the conflict of narratives. In: SAATKAMP Jr., H. J. (Ed.). *Rorty & pragmatism: The Philosopher Responds to his Critics*. Nashville/London: Vanderbilt University Press, 1995, p. 54-67.

\_\_\_\_\_. Pragmatism, pluralism, and the healing of wounds. In: MENAND, L. (Ed.). *Pragmatism*. New York: Vintage, 1997, p. 382-401.

BLOOM, H. *A angústia da influência*. 2. ed. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

\_\_\_\_\_. *Um mapa da desleitura*. 2. ed. Tradução de Thelma M. Nóbrega. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

BORGES, J. L. *Ficções*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

CAMPBELL, J. O uso rortyano de Dewey. Tradução de Heraldo Aparecido Silva. *Redescições*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 1-17, 2009.


DANIEL, M-F. *A filosofia e as crianças*. Tradução de Luciano V. Machado. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

DE WALL, C. *Sobre pragmatismo*. Tradução de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

DEWEY, J. *Reconstrução em filosofia*. 2. ed. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

\_\_\_\_\_. *Como pensamos*. Tradução de Haidee de Camargo Campos. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

\_\_\_\_\_. *Experiência e natureza* (capítulos I e V). Tradução de Murilo O. R. Paes Leme. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 1-52.

GARRISON, J.; NEIMAN, A. Pragmatism and education. In: BLAKE, n. ; SMEYERS, p. ; SMITH, R.; STANDISH, p. (Eds.). *The blackwell guide to the philosophy of education*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 21-37.   
<http://dx.doi.org/10.1002/9780470996294.ch2>

GOUNLOCK, J. What is the legacy of instrumentalism?: rorty's interpretation of Dewey. In: SAATKAMP Jr., H. J. (Ed.). *Rorty & pragmatism: the philosopher responds to his critics*. Nashville/London: Vanderbilt University Press, 1995, p. 72-90.

HAACK, S. Vulgar pragmatism: an unedifying prospect. In: SAATKAMP Jr., H. J. (Ed.). *Rorty & pragmatism: the philosopher responds to his critics*. Nashville/London: Vanderbilt University Press, 1995, p. 126-147.

JAMES, W. Pragmatismo. In: \_\_\_\_\_. *Pragmatismo e outros textos*. Tradução de Jorge Caetano da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1979a, p. 1-109.

KOHAN, W. O. Filosofia e infância: pontos de encontro. In: KOHAN, W. O.; KENNEDY, D. *Filosofia e infância: possibilidades de um encontro*. Petrópolis, Vozes, 1999.

KOHAN, W. O. *Infância: entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LIPMAN, M. *A filosofia vai à escola*. Tradução de Maria Alice de Brzezinski Prestes e Lucia M. S. Kramer. São Paulo: Summus, 1990.

LORIERI, M. A. O trabalho de filosofia com crianças e jovens nos últimos vinte anos. In: KOHAN, W. O. (Org.). *Lugares da infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MALACHOWSKI, A. *Richard Rorty*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2002.  <http://dx.doi.org/10.4135/9781446263273>

MURPHY, J. *O pragmatismo – de Peirce a Davidson*. Tradução de Jorge Costa. Porto: ASA, 1993.

PEIRCE, C. S. De pragmatismo e pragmaticismo. In: \_\_\_\_\_. *Semiótica*. 2. ed. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1990, p. 191-299.

\_\_\_\_\_. Philosophy and the conduct of life. In: HOUSER, n. (Ed.). *The essential Peirce: selected philosophical writings*. v. 2. Bloomington: Indiana University Press, 1998. p.27-41.

RORTY, R. *Philosophy and the mirror of nature*. Oxford: Blackwell, 1990.

RORTY, R. Pragmatismo. In: CARRILHO, M. M. (Org.). *Dicionário do pensamento contemporâneo*. Lisboa: Dom Quixote, 1991, p. 265-277.

\_\_\_\_\_. Philosophy and the future. In: SAATKAMP Jr., H. J. (Ed.). *Rorty & pragmatism: the philosopher responds to his critics*. Nashville/London: Vanderbilt University Press, 1995, p. 197-205.

\_\_\_\_\_. *The linguistic turn: recent essays on philosophical method*. Chicago & London: University of Chicago Press, 1997.

\_\_\_\_\_. Uma visão pragmatista da filosofia analítica contemporânea. Tradução de Heraldo Aparecido Silva. In: RORTY, R.; GHIRALDELLI JR, p. *Ensaio pragmatistas: sobre subjetividade e verdade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 105-125.

SILVA, H. A. Pragmatismo e neopragmatismo: narrativas pluralistas e conflitantes. *Ethica*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 17-50, 2009.

\_\_\_\_\_. A filosofia da educação de Richard Rorty: epistemologia, conversação, narrativas e as funções da educação. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 26, n. 52, p. 509-526, 2012.

THAYER, H. S. *Meaning and action: a study of american pragmatism*. New York: The Bobbs-Merrill Company, Inc., 1973.

Data de registro: 04/11/2014

Data de aceite: 15/07/2015